

# Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 995  
 GUIMARÃES, 11 de Fevereiro de 1951  
 Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4318  
 Comp. e Imp., *Tip. Ideal*. Tel., 4381  
 VISADO PELA CENSURA  
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Moderação NO CAMINHO DA VONTADE DOS LIVROS E AS CRIANÇAS

Pelo Dr. José de Figueiredo Vasconcelos.

A meu filho António Carlos.

XVI

Uns pecam pela timidez, outros pela audácia. Só não erram os que obedecem ao critério da moderação, do meio termo, do sentido de equilíbrio. Os primeiros hesitam ou abstêm-se; os segundos afoitam-se ou excedem-se. O moderado porém guarda o justo termo em todas as acções; nem mais nem menos; nem tanto, nem tão pouco.

Em tudo deve presidir o senso moderador. Moderação no falar e no expandir-se; no gastar e no economizar; no trabalho e no descanso; no considerar o certo e o errado; no julgar os actos e as palavras dos outros; no querer e no não querer; no apreciar e no desapreciar; no ser grato e no ser amável; no ser indulgente e no ser sociável.

Todos os exageros, mesmo de virtudes, são censuráveis. O ascetismo religioso, que se funda no desprêso do corpo e na concentração espiritual, como o ascetismo em qualquer terreno filosófico é antítese da moderação e do senso, deslize em que se perdem tantos espíritos ansiosos de perfeição e de luz.

Em todos os erros se encontra o dedo mau da imoderação; é ela que faz o céptico ou o indiferente, ou ao contrário, o entusiasta — ambos vítimas do mesmo vício; é ela que inspira o orgulhoso, o ambicioso, o déspota, infornadas criaturas imoladas em holocausto às próprias imperfeições morais; é ela que arrasta à desgraça até os bons, que se excedem em generosidades, em piedades, no considerado desejo de bem-fazer aos outros, com o prejuízo próprio e, quase sempre, dos que lhe são mais caros.

E' por isso que as pessoas criteriosas desconfiam sempre dos que exageram, mesmo nos bons sentimentos, é por isso que desconfiam dos que se levam aos extremos em qualquer manifestação de bondade. — «Não se engane com mostras de brandura quem quiser conservar a liberdade» (Camões). Imoderação de modéstia é hipocrisia; imoderação de bondade é insinceridade; imoderação de amabilidade, é falsidade; imoderação de religiosidade é fanatismo; imoderação de austeridade, é artificialismo; imoderação no julgar o procedimento alheio, é maldade.

Desconfiai, leitores, daqueles que exigem linha de conduta impecável a toda a gente; que em todos encontram vícios e defeitos; que não perdoam as fraquezas de outrem. Tais indivíduos que se excedem na exigência de rígidas virtudes alheias, demonstram pela sua imoderação, fraqueza; e, portanto, possibilidades de serem os primeiros a incorrer na falta que condenam e exprobam.

Somos como Montaigne que «ama as naturezas temperadas e médias», que estima aquele que sabe contentar-se, que consegue refrear os ímpetos, ter ordem e medida, que, enfim demonstra possuir o dom da moderação que Vauvenargues definiu «estado duma alma que se possui». Aquele que falando grita ou discute, grita ou discute; e aprovando se excede em palmas ou estrídulos de júbilo; que desaprovando, — se gasta em chispas de desagrado ou de ódio, desperta nas pessoas criteriosas o sentimento da piedade, porque imoderado em seus actos e palavras, está evidenciando fraquezas de domínio, pobreza de inteligência ou de sentimentos.

Mas apesar de tudo, é bom que as muito grandes almas se apaixonem, mesmo sem moderação, pelo Bem, pelo Belo, pela Ciência.

No penúltimo número deste Jornal, escrevemos o artigo «Frente Vimaranesense» e fizemo-lo com a melhor e a mais pura intenção de termos toda a Família Vimaranesense unida em volta da Bandeira da sua terra para que esta, por meio dessa união, organizasse uma força que se tornasse capaz de conseguir movimentar, em ritmo acelerado, a alavanca do progresso de Guimarães e assim se alcançar o objectivo que todos os bons Vimaranesenses anseiam. Quando falamos em bons Vimaranesenses, queremos referir-nos àqueles que colocam em primeiro plano o engrandecimento do seu querido torrão natal e que, portanto, deixam em plano secundário tudo mais que possa contrariar essa sua aspiração. São estes, sem dúvida, os que se tornam mais dignos do nosso apreço e da nossa simpatia, porque não se subordinam a irredutibilidades de preconceitos mesquinhos e de desavenças perniciosas, uma vez que o toque do clarim do Hino da sua terra os convida a prestarem leal e sincera vassalagem à qualidade de apaixonados e dedicados seus Filhos. Formando uma cadeia constituída por elos fortes e indestrutíveis, estes Vimaranesenses prestigiam a comunidade e cumprem um dever que muitíssimo os dignifica.

Guiados, apenas, pela luz cintilante da estrela que lhes ilumina o caminho por onde devem seguir para encontrarem o ponto culminante da realização dos seus desejos, deixam atrás de si tudo aquilo que não interessa ou que não convém na hora presente, isto é, neste momento em que se proclama a imperiosa conveniência de os vimaranesenses revogarem desinteligências de qualquer natureza e decretarem a constituição de um pacto bairrista que seja o porta-voz, junto dos Poderes Públicos, do que Guimarães deve ter e não tem. Trata-se

de um concelho sacrificado em vários sectores da sua vida económica e social e isso deverá ser o bastante para que todos os esforços se empreguem no sentido de chegar a hora de justiça.

Encontramo-nos, pois, a caminho de uma trincheira de bairrismo, embora sem que na mesma enfileirem aqueles a quem nos referimos no nosso último artigo e que, felizmente, representam uma parcela tão pequena que não pode influir no resultado da soma dos bem intencionados e que são, afinal, os bons, os sinceros e os devotados bairristas. E' para estes — enquanto os outros fazem exame de consciência — que hoje vimos apelar, tanto mais que de muitos deles já temos recebido os seus aplausos e até o pedido para insistirmos na iniciativa da formação da «Frente Vimaranesense». Um desses, que é fervoroso, querido e ilustre Filho de Guimarães, teve a cativante gentileza de nos dirigir, em carta, visto residir longe daqui, palavras que muito nos sensibilizaram. São desse ilustre Vimaranesense estas palavras: «Gostei muito do artigo «Frente Vimaranesense» e não obstante para alguns ser *malhar em ferro frio*, não devemos esquecer, por outro lado, que *«água mole em pedra dura tanto bate até que fura»*. Por isso, continue e a gente boa de Guimarães lhe ficará agradecida». Como amor com amor se paga, aqui fica satisfeito o pedido, mas sem o compromisso de nos alongarmos em mais considerações sobre o assunto. Fica lançada a ideia e para a sua execução *Poder* mais alto do que o nosso se deverá levantar.

S. M.

P. S.

No nosso último artigo, as palavras «*bogalhos*» e «*covardia*» passaram despercebidas aos serviços de revisão, confiados a pessoas de cuja competência não duvidamos. Porém, apareceram sempre peixes muito corpulentos a passar por malhas muito estreitas!...

S. M.

### Património Artístico de Guimarães

Sabíamos já que, por descobertas e estudos de Alfredo Guimarães, existiram, e em pequena parte se mantêm, obras de pintura a fresco nas igrejas, nossas concelhias, de Pentieiros, Cerzedo, Pinheiro, Cerzedelo, no convento de S. Francisco e na Colegiada. O que ignorávamos é que a nossa igreja de S. Domingos, há tanto em restauro, mostre ainda hoje, pelo menos na nave do transepto, frutos de trabalhos da mesma natureza artística, como o ilustre director do Museu de Alberto Sampaio no-lo diz, e prova, na Carta que temos presente:

«Pelo menos nas faces extremas do transepto, os frescos estão lá. A decoração compreende, nas duas amplas paredes origivadas, uma moldura periférica, de expressão arcaica, desenvolvendo ao centro, desde a base à janela gótica, e em torno desta, uma decoração figurada, que envolve o espírito da Arte do século XVI.

«Na face de poente, apenas é visível, além da moldura já referida, um episódio que representa um sacerdote, ricamente paramentado, erguendo a Sagrada Hóstia perante

a presença, em vulto, do Padre Eterno.

«Na outra face, e em circunstâncias decorativas absolutamente iguais, distingue-se apenas, dentro de um quadrilátero, o busto de uma Santa (?), vestida ao bom tempo da Renascença, e, como a imagem há pouco indicada, em desenho e policromia perfeitamente distintas.

E Alfredo Guimarães acrescenta:

«Não quero crer que apenas as paredes extremas do transepto tivessem sido decoradas com pintura a fresco. Nada o justificaria. Quanto a mim, todo o edificio da igreja foi decorado, em tal género, no século XVI, e, pela sobreposição dos altares, bem como pelo excesso de umidade do edificio as boas obras de pintura (a concluir pelas que sobreviveram) devem ter sido arrasadas, sobretudo no século XVIII».

E' mais um subsídio para a História da Arte em Guimarães que ficamos devendo ao ilustre director do Museu de Alberto Sampaio.

Confie os seus trabalhos à **Tipografia IDEAL**, na certeza de uma distinta apresentação gráfica. Tel. 4381.

Vamos tratar do problema dos livros destinados às crianças.

Parece, à primeira vista, que o caso é simples. Entretanto, a avaliar pelo interesse que tem merecido da parte da Escola Nova, esse assunto da Literatura Infantil reveste-se da maior importância. Tais estudos se fizeram sobre a criança, a partir deste século, que a pedagogia moderna não hesitou em denominá-lo «*século da criança*», querendo com isso significar que todas as atenções do adulto convergem para ela, e reconhecer que o carinho que se lhe dispensa é revelador de alto grau de civilização. Por isso, nunca, como nos nossos dias, se tem falado tanto da criança, quer na Ciência, quer na Arte. Todos acorrem, lesto e pressurosos, a conhecer a alma da criança, o seu encanto e mistério.

Muitos romancistas e escritores deram, a partir do século XIX, nos seus livros, um lugar de valor à infância, aos seus sonhos, às suas alegrias, aos seus afectos, às suas preocupações... E, para melhor narrar esses estádios psicológicos, recordaram a infância deles, os anos felizes que passaram no ambiente familiar, em companhia dos pais e dos companheiros de jogos e brinquedos. E assim Michelet, Renan, Quinet, Anatole France, Pierre Loti, Marcel Proust, Jean Marouzeau, Paul Valhant-Couturier, André Gide, François Mauriac e outros evocaram com saudades esse bom tempo em que se criaram, se desenvolveram e se formaram para a vida. Muitos deles, como Michelet, Pierre Loti e François Mauriac, por exem-

plo, vão à sua meninice buscar elementos, para explicar a feição do seu espírito ou certas características do seu temperamento. Não admiramos Michelet quando nos conta em *Ma Jeunesse* os tormentos por que passou — a fome, o frio, a inquietação pelo dia de amanhã? Não lhe deram os livros, os seus autores favoritos, coragem para suportar tais contrariedades? Não se compraz Pierre Loti no seu *Roman d'un Enfant* em reviver os seus primeiros anos, o convívio com a mãe, o primeiro contacto com o mar que fez dele viajante e marinheiro? Já se entrevê nessas páginas admiráveis, toda a inquietação, todo o impressionismo da sua alma sentimental e ardente. Não alude François Mauriac em *Commencements d'une Vie* à tristeza da sua infância, tristeza que depois tanta influência exerceu na interpretação do drama da vida das personagens dos seus romances?

Os fundamentos do caracter encontram-se nesse período da vida: tudo concorre para formá-lo. Acontece às crianças: o que acontece às flores: o seu desenvolvimento e frescor dependem do modo como foram criadas — numa estufa, ao ar livre, num formoso jardim, numa terra agreste.

«Não é verdade que nos seus romances Júlio Denis nos apresenta as suas personagens órfãs de mãe como reflexo do seu estado psíquico dominado pela perda da sua, antes dos cinco anos, e das afeições correspondentes?

Todas as nações cultas têm pelas crianças um interesse grande; são elas que for-

### JANEIRO DE NEVE

No meu valente alazão,  
 No meu pégaso fogoso,  
 Eu corro atrás da razão  
 Deste frio tenebroso...

Quero saber se o inverno,  
 Quero saber se é capaz,  
 De apagar o próprio inferno,  
 De regelar Satanaz...

Enchem-se as serras de neve,  
 (Que noivas lindas de alvuras!...)  
 Em flocos rendas, de leve,  
 Se coleiam das alturas...

Vede ali a nossa Penha  
 (Mas ela vai-se casar!...)  
 Com seu fato de estamemha  
 Agora cor de luar...

Vede os galhos seculares  
 Dos troncos nus e despídos  
 Todos cheios de colares,  
 Cheios de brincos garridos...

Por algar's, barrancos, quelhos,  
 Branca neve estende as tranças...  
 (Ai! coitadinhos dos velhos,  
 Dos pezinhos das crianças!)

Refreio o ginete alado  
 Nos lençóis niveos dos montes...  
 Ouço o choro regelado  
 Dos olhos tristes das fontes.

Janeiro de 1951.

DELFIN DE GUIMARÃES.

### RÓSEO BAMBINO

Pedi a Deus um neto e Deus bondoso,  
 O Deus que nos promete e nunca engana,  
 Mandou-me um neto lindo e tão formoso  
 Que o julgo feito de alva porcelana.

E a Mãe, que é por direito soberana,  
 Num reinado de amor, esperançoso,  
 Sob um docel de renda e filigrana  
 Esconde o seu tesoiro precioso.

Mulher, que em puro amor te sublimaste,  
 Num amoroso enleio que não finda,  
 Sempre mais novo e ardente e peregrino...

Que lindo aquele quadro que mandaste:  
 Lembras de Rafael *madona* linda  
 Aconchegando ao peito o seu *bambino!*

Guimarães, 1951.

MENDES SIMÕES.

Lede, propagai e assinaí o «Noticias de Guimarães»

marão a humanidade de amanhã. A Literatura Infantil, acompanhando esse culto entusiasta, conta em todo o mundo imensos escritores e propagandistas dedicados. Os Estados Unidos da América, a Inglaterra, a França, a Bélgica, a Holanda, a Alemanha, a Dinamarca, a Suécia têm os seus autores, que se consagram às crianças, escrevendo livros, poesias, contos, novelas, narrativas, histórias, fábulas para a sua distração e enlevo, para a sua instrução e prazer. Toda essa Literatura Infantil contribui de modo notável para a educação, desenvolvimento da inteligência e do sentimento estético.

Mas nem todos os livros para crianças se aconselham; há-os demasiado pueris e fictícios, há-os impróprios e condenáveis. Só psicólogos, conhecedores da mentalidade infantil, poderão orientar as leituras, graduando-as e adaptando-as à idade de modo que tal livro corresponda a determinado leitor ou leitora. Está sempre em questão o mundo infantil com o seu maravilhoso, a sua poesia, as suas personagens, as suas aventuras e o seu drama interessante — e os livros não-de-afinar por esse diapasão. É um mundo concreto, sem abstrações, sem raciocínios complicados, sem explicações demoradas. E as fadas, as bruxas, os gnomos, os dragões? São seres imaginários, sem dúvida, mas existem, como diz Anatole France, «nas imaginações ingénuas e frescas naturalmente abertas à poesia sempre jovem das tradições populares».

Imitamos as fadas e o seu seqüito pomposo para entretenimento da imaginação e facilidade de entrecenho. As crianças apreciam-nas com o mesmo encanto com que os povos jovens apreciavam os contos fantásticos e as lendas heróicas... As histórias antigas, as tradições populares, resumidas e adaptadas, agradam também às crianças, quando traduzem os grandes feitos, as acções sobre-humanas, num estilo forte e sóbrio. As sensações delicadas, as notações finas da análise psicológica não as prendem, não as atraem.

Os autores, que escrevem para crianças, devem ir ao encontro da curiosidade e do maravilhoso desse mundo infantil, criando personagens, cenas, dando movimento, vida, dinamismo, acção intensa. Devem evitar, contudo, tudo o que as intimida, as assusta, tudo o que lhes povoa o cérebro: disformidades medonhas, sombras errantes, malfícios, crueldades. Não aprovamos as más fadas, as hediondas bruxas... Não é sem um sentimento de horror que a criança lê o aparecimento da bruxa à Branca de Neve, tentando envenená-la com doirados pomos, ou do lobo mau que come a Avózinha e o Capuchinho Vermelho, ou da fada má que pretende matar a linda princesa...

É preciso imitar os Ingleses e os Norte-Americanos que tratam nos seus livros de infância, de coisas saudáveis, que habitam os pequenos a serem justos e bons, exactos e comedidos. É preciso familiarizá-los também com a realidade, com a natureza, com a vida dos animais e das plantas os quais se animam e se agitam, envolvidos num halo de graça e poesia, em que transparece a malícia e a finura. Mas não esquecer, entretanto, conhecimentos sobre a sua vida, *habitat* e costumes. Que interessante não é a vida das abelhas ou das térmitas, do castor ou do bicho da seda!... Que interessante história, a do vinho e a do pão!... Que interessante poema o do linho e o do azeite!... E no capítulo das viagens, das desco-

## Um exemplo e uma lição

Com o advento do 28 de Maio tentaram alguns concelhos fazer o seu renascimento e prosperidade.

Ao encontro desta aspiração, porque as finanças do Estado o permitiam, o Ministério das Obras Públicas começou de conceder às Câmaras e outras autarquias da administração local subsídios.

E as obras de melhoramentos e fomento surgiram em muitas partes do País; de onde havia de resultar a criação de um departamento do Estado sob a rubrica e objectivo dos *Melhoramentos Rurais*.

Foi nesta emergência da pública administração que se verificou em alguns concelhos, o seu *ala-arriba* de vida nova. A propósito, contarei: Certo concelho houve que teve como presidente de Câmara um cidadão estranho. Certamente — quero crer — os naturais, todos baírristas, não gostaram.

E mais se lhes agravou o seu descontentamento, naquele dia em que o estranho presidente entendeu por bem puchar as orelhas ao orçamento municipal, elevando ao máximo as possibilidades das suas receitas.

— Alto lá! Bradaram os da terra.

A coisa, porém, não ficaria em simples desabafo e queixumes baírristas contra o novel presidente. Representações e protestos se ergueram, de-passo que promoviam uma campanhazinha de... *bota abaixo* contra o ousado reformador das finanças municipais.

Tratando-se, porém, de um jovem oficial, um tenente do Exército, com qualidades combativas e activas, a citada campanha dos *indefectíveis baírristas* só serviu para mais o estimular no seu propósito. E manteve-se na presidência, mesmo contra a vontade dos... *quarenta maiores contribuintes*.

Firmado no lugar, fincado na sua vontade de vencer, ele teria dito aos seus opositores, ou melhor, ter-lhes-ia feito compreender esta máxima administrativa:

— *Dai-me boas finanças, e dar-vos-ei boa administração!*

bertas, das aventuras reais ou imaginárias, fazer apelo à disciplina, à energia, ao sangue frio, à coragem.

A história pátria é uma escola de valor. As biografias de crianças, de mulheres, de homens célebres levam a uma atmosfera de idealismo, de virtude, de amor. E os contos? Há-os lindíssimos, cheios de ternura, de lealdade, de camaradagem, de amor pela família. O prof. dr. José Guerreiro Murta na *Educação Literária* apresenta a lista das obras aconselhadas às crianças de 8 a 11 e de 11 a 14 anos. Não escondamos estes livros às crianças, porque para elas foram feitos, porque para elas, parece que os livros valem até mais do que para os adultos, tal é o prazer e o entusiasmo com que os lêem, a confiança ingénua que neles depositam, a espontaneidade cândida com que os abraçam. Dos livros de D. Maria Paula de Azevedo, assegura Agostinho de Campos *como testemunha ocular que as crianças devoram esses livros mais delicadamente e quase mais depressa, do que se lhes derrete na boca uma pedra de açúcar, ou uma pastilha de chocolate*... Há-as até que os guardam, como reliquias, quando os não deixam furtar...

(Continua)

A acompanhar este seu pensamento, para bem poder corresponder a um empreendimento de reformas no seu concelho, o jovem oficial fez-se *almocreve* na via que leva à Capital, para bater à porta dos Ministérios que distribuíam subsídios às autarquias locais. E os subsídios, em ritmo correspondente à presença do citado oficial junto dos tais Ministérios, não deixaram de se comover à solicitação deste activo presidente camarário.

Assim, por este modo, começaram de surgir no concelho administrado pelo sr. oficial do Exército, obras e mais obras!

Um momento chegou-me às mãos um relatório desta Câmara provinciana, e fiquei admirado — que sendo o seu erário municipal mediano, tivesse tantas reformas e melhoramentos!

Imagine-se:

Em todas as freguesias da sua jurisdição foi construído um edifício escolar, um fontanário, um lavadouro. Uma rede de estradas e caminhos foi beneficiada; o problema da água e da luz foi enfrentado corajosamente; outros melhoramentos se iniciaram — tudo porque as finanças municipais de colaboração com os subsídios do Estado tornaram possível tão perfeita administração.

Foi perante a evidência dos factos que os contribuintes, agora convertidos da justa razão por que o novel Presidente os cingiu ao pagamento de mais impostos; vendo que tudo foi para *bem do concelho*, contritamente bateram no peito, clamando a uma voz:

— *Grande Presidente, sim senhor!*

*Se houvesse cedido ao clamor dos nossos protestos, a nossa terra estaria... como dantes, apática, enferma!*

E foi tão sincero o aplauso dos contribuintes, que se viu esta coisa admirável: proclamarem o novel Presidente cidadão honorário do concelho!

Depois, para darem expansão ao sentimento de gratidão de que estavam possuídos, deliberaram os contribuintes reunirem-se em fraterno banquete, pondo à cabeceira da mesa o jovem oficial.

Arrochela Lobo, ex-Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, durante alguns anos foi anfitrião em um banquete colectivo. Por este modo singular os contribuintes penafielenses homenageavam o Homem de pulso forte que soube arrostar com a tempestade, quando à frente do Município elevou a percentagem das contribuições, realizando uma obra administrativa admirável, que ficou como uma lição e um exemplo.

Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

## OS PASSEIOS

da Avenida Eng.º Duarte Pacheco

Aqueles passeios da Avenida Eng.º Duarte Pacheco precisam de ser convenientemente arranjados, pois nos dias de chuva tornam-se em autênticos lamaçais. Não faz sentido que uma artéria nova ofereça, nesse capítulo, tão poucas comodidades não só aos moradores de ali como aos transeúntes.

**Aluga-se** Um andar subterrâneo, com 8 divisões, na Rua Capitão Alfredo Guimarães. Pode ser para 2 famílias.

Falar com Clemente Rezende.

## Os órfãos da última guerra foram salvos

Vinte milhões de órfãos nos legou a última guerra! Essas crianças ficaram isoladas no Mundo, sem pais, sem abrigo, desprotegidas, carregadas de sofrimentos e cheias de fome.

Calcule-se por este quadro resumido em meia dúzia de palavras o que representa o rescaldo das guerras e o que esta cifra influi no futuro da humanidade. Vinte milhões de infelizes crianças cresceram, fizeram-se homens na mais amarga das adolescências.

A Suíça, porém, cumpriu a sua obra humanitária, recolhendo todas as que lhe chegaram às fronteiras, de cambulhada com os horrores próximos dos combates que chegaram a arrazar-lhe as fronteiras e tantas vítimas lhe causaram, quando erradamente as aviações inimigas julgavam bombardear adversário, como sucedeu em Schaffhausen, onde ainda hoje se observam as cicatrizes desse tempo.

Mas a Suíça tem, entre outros nomes ilustres de pedagogos e de amigos das crianças, o notável Pestalozze, que em Zurique mereceu uma estátua enternecedora em que a notável figura acarinha a cabeça duma pequena rapariga.

O exemplo deste homem é sempre evocado entre os helvéticos, e por isso ao pensar em recolher as crianças vítimas da guerra, logo o seu nome foi evocado para patrono de tal obra.

Uma aldeia surgiu em Trogen, construída expressamente para os pequenos desprotegidos, reunindo os foragidos de todos os países em guerra: alemães, italianos, franceses, austríacos, polacos, etc.

Ali são simplesmente habitantes, irmãos da mesma terra, ajudando-se na mesma tarefa da comunidade, cada qual com o seu trabalho em benefício total da aldeia de Pestalozze!

## BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte. . . . .	50\$00
Dr. Serafim Ferreira de Oliveira. . . . .	10\$00
Recebemos do nosso conterrâneo sr. Jerónimo de Castro da Silva Guimarães, residente em Lourenço Marques e em sufrágio da alma de sua extremosa avó a sr.ª D. Cecília Queiroz Neves de Castro. . . . .	100\$00
A transportar. . . . .	160\$00

Contemplámos algumas pessoas muito necessitadas e doentes.

## CABELOS BRANCOS

seu tratamento — sem tinturas

A Aromal Loção *Min-Hor* regenera os vasos sanguíneos que nutrem as glândulas e, **vigorizando a Papila Pelífera, devolve ao cabelo a sua primitiva cor natural.**

MIN-HOR 57

vende-se no Porto, na Farmácia de Sá da Bandeira e Drogaria Castilho, e em Lisboa: Centro Farmacêutico, L.da — Rua de Eugénio dos Santos n.º 86.

Não encontrando, dirija-se à **Farmácia Hórus** — Guimarães

## Agradecimento

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que, quer directa, quer indirectamente, se interessaram pelo meu estado de saúde, faço-o, por esta forma, patenteando a todas o meu indelével agradecimento.

António Pimenta.

Pois a simpática ideia frutificou e hoje existem aldeias Pestalozze por essa Europa.

Os muitos milhões de crianças, num grande exemplo de fraternidade, estão a ser salvos da peor das desgraças: o abandono e a miséria, capaz de gerar todos os crimes.

Aquelas aldeias chegam donativos de todo o Mundo que alimentam a notável obra de solidariedade humana.

Em Zurique, em Fevereiro, vai realizar-se uma grande exposição de magnates das diversas aldeias europeias que designarão por «*Pestalozzianum de Zurique*», em que se mostram o reconfortante exemplo cheio de moral e espírito construtivo numa época em que o egoísmo campeia desenfreado.

CALDERON DINIS.

## Impressões e Comentários

Meu caro amigo

Sobre impressões acerca do Carnaval, fiquei admirado por tu estares convencido de que ainda existem aqueles divertimentos de outros tempos em que, de facto, o Carnaval tinha qualquer coisa de interessante. Hoje, meu caro, pode-se dizer que essa tradição desapareceu ou, melhor, que apenas se dá por ela no registo do calendário. De resto, o que é que nós vemos hoje? Um velho famigerado, arruinado e andrajoso, caído no abismo da mais notória decadência e se uns ou outros vestígios porventura possam subsistir, isso nada representa em comparação com o que foi em tempos passados, isto é, naqueles tempos em que só as máscaras eram usadas na quadra do Entrudo, porque, fora disso, elas não apareciam.

Mas hoje, infelizmente, não falta quem ande mascarado desde o dia 1 de Janeiro a 31 de Dezembro, concorrendo, assim, para desvirtuar o significado da máscara carnavalesca e, desse modo, procurar encobrir os seus defeitos e as suas ardilosas intenções. Por acaso, serás tão ingénuo que não tenhas dado pela existência desses mascarados?

Sim, poderá ser que tu, pessoa de boa fé, de boas intenções e de bom carácter julgues todos os outros por ti, mas se assim procedes podes considerar-te feliz, porque não tens sido vítima da ilusão das aparências. No entanto, fixa bem isto: Quanto ao Carnaval, *tudo o vento levou*, restando somente dessa tradição as máscaras com que certas pessoas andam mascaradas todo o ano, quer *comum*, quer *bissexto*. E lembra-te de que há lobos mascarados de cordeiros!... Nada mais.

Abraça-te o teu amigo certo. Guimarães, 7-II-1951. A.

## A antiga TRAVESSA DOS BIMBAIS

e o barraco do sal...

Parece história, mas não é... Um dia, há muito já, quase entalado nas trazeiras dos prédios dos Bimbais e Rua Francisco Agra, em sítio que só ao diabo lembraria, *nascera* um barraco... — um barraco para dentro do qual molengueiros homens, de serapilheiras encarapuçadas, iam despejando pequenos caixotes de sal, que uma pequena camionete conduzia, fazendo a descarga na Rua Francisco

Agra, um tanto distante do barraco...

Isto começara assim...

Agora, há tempos já, a coisa mudara: — A qualquer hora da noite ou do dia, potentes camionetes de trepidantes motores surgem, manobrando dificilmente para a estreita Travessa, perturbando o sossego e fazendo estremecer os frágeis e velhos alicerces dos já velhos prédios dos Bimbais...

E a despeito de uma placa de sinalização proibindo a passagem, e das intervenções da polícia, as potentes camionetes de trepidantes motores continuam manobrando para a estreita via, pondo em risco a vida dos moradores!!!

Isto adentro da cidade, na antiga Travessa dos Bimbais...

Haja respeito à Lei, haja respeito pela vida e tranquilidade das pessoas!

## A viela da Arrochela

Da crónica de Guimarães para o «Diário do Norte», transcrevemos com a devida vénia:

Ouve-se isto a toda a gente: — E' preciso acabar com aquela vergonha!

Na verdade, não faz sentido que no coração da cidade — ali à Porta da Vila — se patenteie semelhante espectáculo, que só serve para nos envergonhar aos olhos de quem nos visita.

Artéria antiga, mas sem qualquer espécie de interesse mesmo para o trânsito, aquele chiqueiro quando muito pode servir, como se verifica, para alguns moradores dos prédios com trazeiras para ali nela lançarem toda a espécie de detritos; para depósito de dois ou três carros de mão, que abusivamente ali se recolhem, e ainda para a satisfação de necessidades fisiológicas de pessoas que têm em muito pouca conta o respeito pela via pública.

Ao passar-se na Rua da Rainha, frente à viela, é, por vezes, tal o cheiro nauseabundo que dali emana, que tem de levar-se o lenço ao nariz num instinto de defesa.

E' certo que ultimamente os serviços de limpeza municipal têm-se ali feito sentir, mas é sol de pouca dura, porque pouco depois tudo fica como dantes.

Há tempos constou que a Câmara resolvera pôr cobro ao mal, encerrando simplesmente a viela. Isso, porém, não aconteceu até agora, mas não há dúvida que é essa a única solução perdurável, eficaz e decente.

Que ela se não faça esperar, a bem do decoro da cidade!

## MISERICÓRDIA DE GUIMARÃES

No Hospital Geral desta Misericórdia, principiarão, no dia 17, as consultas de Cardiologia e Electrocardiografia, cujo horário será o seguinte:

Aos sábados, das 10 às 12 horas, para doentes que compareçam pela 1.ª vez;

A's quartas-feiras, também das 10 às 12 horas, para doentes que compareçam pela 2.ª vez.

Esta especialidade fica a cargo do sr. dr. Baltazar de Castro, ex-assistente do Prof. sr. dr. Eduardo Coelho, do Hospital Escolar de Lisboa.

## POSIÇÃO

Vende-se uma 10.ª classe n.º 6.900 do Problema da Habitação ou troca-se por outra que tenha recebido ordem de chamada. Falar com Miguel Anjos, rua Duque de Loulé, 84-92 — Porto.

Informa em Guimarães Abílio Fernandes Novais, rua D. João I, 48.

# FUTEBOL

**O Vitória foi batido por 2-0 pela Académica num jogo em que disfrutou de larga vantagem territorial — Para onde vamos?**

Já lá vai o tempo em que os adeptos do Vitória acorriam ao seu campo de jogos se não totalmente convencidos, pelo menos fortemente esperanças em que o seu favorito levaria a melhor com o adversário que tivesse de defrontar. Então imperava a confiança, e o certo é que raras vezes ela era traída.

Hoje, poucos são os que se deslocam à «Amorosa» sem um fundo de receio, que infelizmente se tem justificado, pois o Vitória deixou de constituir obstáculo sério para os seus adversários, sejam ou não considerados «grandes».

Uma série de desaires, que a actuação da equipe vem justificando plenamente, criou o ambiente de descrença que se está vivendo, e que é mal de morte se não for encontrado o necessário caminho da reabilitação.

No encontro com a Académica o Vitória sucumbiu ingloriamente mais uma vez, e não venham dizer-nos que foi a propalada falta de apoio à equipe que deixou de contribuir para que esta atingisse o fim por todos desejado. Se um ou outro dos espectadores se descontrola ao ponto de manifestar concordância com os desaires que nos atingem, hemos de concordar que isso é simplesmente fruto da inferioridade técnica que a equipe vem patenteando, pois todos os vimaranenses, ciosos como são da sua dignidade, em qualquer campo que ela tenha de se manifestar, incapazes seriam de se regozijar com o mal que colectivamente os afecte.

Temos que lhe fazer esta justiça, devemos-lhes mesmo esta justiça!

O mal de que a equipe enferma não é culpa deles. Na medida do que lhes é possível — nós temo-lo verificado — eles sabem geralmente cumprir o seu dever, incitando, ajudando mesmo quando há já poucas probabilidades de modificar a face das coisas.

Na terça-feira... uma tristeza. Foram-se mais dois preciosos pontos simplesmente por a equipe estar sem personalidade, por andar descomandada...

Os jogadores foram esforçados, generosamente esforçados, alguns até ao sacrifício, e mantiveram-se, por isso, de longe senhores da situação no que diz respeito a domínio territorial.

## Venerável Ordem de S. Domingos

Sob a presidência do Rev. Comendador Augusto José Borges de Sá, reuniu, no dia 5 do corrente, a Mesa Administrativa, que tomou conhecimento de vários expedientes e aprovou propostas para admissão de novos Irmãos. Registrou, com reconhecimento, uma oferta do sr. António de Araújo, feitor da Casa do Costeado, e resolveu outros assuntos de interesse para esta Ordem.

## BRINDES

Recebemos da Companhia Portuguesa de Seguros «A Social» e por intermédio do seu estimado Agente em Guimarães, sr. Artur Fernandes de Freitas, um vistoso calendário para o ano corrente. Agradecemos.

A comprová-lo estão os doze cantos que ganharam, contra quatro apenas que sofreram. Mas a finalizar os seus inúmeros ataques, a equipe deu confrangedora prova de incapacidade, mostrando-se sempre impotente para vencer o extremo reduto adversário, e isto porque não existe um padrão de jogo definido, porque o grupo vive mais daquilo que os seus homens concebem de momento do que das regras técnicas que deviam orientá-los.

E isto não pode ser!  
Isto não pode continuar!

Mas assim mesmo os estudantes foram felizes. Conquistando o primeiro golo aos 11 minutos de jogo por Gil, ponto que pode considerar-se autêntico brinde de Silva, não tiveram apesar disso um momento de sossego, tal a pressão, podemos dizer o massacre, exercida pelo Vitória, durante toda a primeira parte. O seu segundo tento, da autoria de Jorge Santos, que apareceu aos 7 minutos do segundo tempo, depois de terem concedido canto, foi ainda fruto de um erro da defesa local, na qual só Vieira e Cerqueira estiveram à altura das circunstâncias.

Só depois da obtenção deste ponto é que a Académica se afoitou ao ataque, porque até então o seu papel foi meramente defensivo.

Capela, Branco e Melo estiveram em evidência, desfazendo muitas ocasiões sérias.

No Vitória, Rebelo, Vieira e Cerqueira, foram os mais notáveis, seguidos de Brioso e Franklim. Costa mostra-se algo esgotado.

Arbitrou correctamente o sr. Ribeiro Sanches, de Lisboa.

Os grupos formaram:  
**Vitória** — Silva, Vieira e Costa; Manuel, Cerqueira e Rebelo; Franklim, Brioso, F. Mota, Alcino e Lelo.

**Académica** — Capela, Branco e Melo; Ulisses, Torres e José Miguel; Jorge Santos, Gil, Macedo, Duarte e Bentes.

J. G. F.

## Sindicato da Indústria Têxtil

No passado domingo procedeu-se à eleição dos corpos gerentes do Sindicato Nacional da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede nesta cidade, tendo sido eleita, por aclamação a chapa apresentada, e que é constituída pelos seguintes nomes:

**Assembleia Geral** — José Dias Pereira, António Gonçalves Monteiro e Manuel Machado.

**Direcção Efectiva** — Severino Machado Ribeiro, Adriano Fernandes Costeira e José Firmino de Faria.

**Direcção Substituta** — António José Pinto, Manuel de Araújo e Francisco Gomes Alves Ferreira.

## Máquinas de costura «HUSQVARNA»

a melhor garantia

**Motores VAP**

para bicicletas

## Batata de Semente

nacional e estrangeira

**Alfaias agrícolas**

AOS MELHORES PREÇOS

L. NUNES PINTO 16

À FEIRA DO PÃO

# da cidade

## Boletim Elegante

### Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 2, o nosso prezado amigo e conceituado comerciante local sr. Armando Martins Ribeiro da Silva; no dia 5, o nosso bom amigo sr. Alfredo da Costa e Silva; no dia 10, o nosso prezado amigo sr. João Aires de Sousa Pereira Guimarães, da Casa de Tarrío, S. Tomé de Abação; no dia 12, a sr.ª D. Elvira dos Anjos Freitas Oliveira Bastos, esposa do nosso amigo sr. Abel Oliveira Bastos, os nossos prezados amigos srs. Simão Neves, ausente no Rio de Janeiro e Amadeu Guimarães e a menina Maria da Glória Pereira Mendes Oliveira, filhinha da sr.ª D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes Oliveira; no dia 13, as sr.ªs D. Balbiha de Sá Alpoim, ausente na cidade da Beira, filha do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Menezes, D. Aida Julieta Fernandes, filha do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Fernandes, e D. Amélia Machado; no dia 14, o nosso amigo sr. Alberto Pimenta; no dia 15, os nossos prezados amigos srs. José Faria Martins e Alberto de Sousa, e a sr.ª D. Maria Amélia da Silva; no dia 16, a sr.ª D. Maria da Natividade Simões de Sousa Menezes, esposa do nosso prezado amigo sr. Mário de Sousa Menezes, e o nosso prezado amigo sr. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio; no dia 17, o sr. José Bernardino Marques, de Balazar, e o menino Alvaro Afonso Bravo de Castro, filho do nosso prezado amigo sr. Alvaro Neves de Castro; no dia 18, os nossos prezados amigos srs. Dr. Leopoldo Martins de Freitas, distinto Director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães e José de Freitas Guimarães Júnior.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

\*

Dr. José de Oliveira — No próximo dia 17, faz anos o nosso querido amigo e antigo Governador Civil do Distrito, sr. Dr. José Joaquim de Oliveira.

### Partidas e chegadas

Esteve nesta cidade de visita a sua família o nosso bom amigo sr. Dr. Serafim Ferreira de Oliveira.

Com suas esposas regressaram de Lisboa, os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado e Alberto Pimenta Machado Júnior.

— Deu-nos na segunda-feira, o prazer da sua visita o nosso estimado e velho colaborador sr. Jerónimo Almeida, a quem agradecemos tamanha gentileza.

### Nascimento

Na passada quarta-feira teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Julia Maciel Brito Limpo Trigueiros de Lemos Rocha, esposa do nosso bom amigo sr. Eng.º Helder Lemos Rocha. Mãe e filho estão bem.

### Baptizado

O Rev. P.º Fernando Porfírio de Almeida Ribeiro, baptizou há dias e na paróquia de Urgezes, um menino a quem foi dado o nome de Manuel Pedro, filho da sr.ª D. Brunilde Clara Dreste da Rosa Costa Guimarães e do sr. Eng.º Alberto Ribeiro da Costa Guimarães, tendo sido padrinhos o sr. Eng.º João Mendes Ribeiro Guimarães e a menina Maria Clara Rodrigues de Carvalho Rosa, de Lisboa.

### Doente

Tem passado doente a veneranda sr.ª D. Narcisca de Jesus F. Machado, estimada proprietária do nosso colega local «O Comércio de Guimarães». Desejamos as suas melhoras.

### PEDIDO DE CASAMENTO

No dia 29 do mês findo, foi pedida em casamento, para o nosso amigo e prezado conterrâneo o sr. Joaquim Manuel de Oliveira Pereira Mendes, filho do também nosso amigo e conceituado negociante local o sr. Manuel Pereira Mendes e de sua esposa a sr.ª D. Emília de Oliveira Bastos Pereira Mendes, a pretendida sr.ª D. Maria Madalena Alves de Castro Martins, filha do estimado proprietário em Guardizela, o também nosso amigo sr.

## A CELEBRAÇÃO das Bodas de Prata do Rev. Pároco de S. Paio

Iniciaram-se os trabalhos para a comemoração festiva das Bodas de Prata Sacerdotais do rev. P.º Luís Gonzaga da Fonseca, estando toda a freguesia de S. Paio, e com ela a cidade de Guimarães que tanto aprecia os elevados dotes do prestimoso sacerdote, empenhada em dar à celebração daquele acontecimento, o maior esplendor.

Ficaram assim constituídas as comissões de Honra e Executiva das comemorações:

**Comissão de Honra** — Presidente, Dr. João Martins de Freitas; Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Dr. Alberto Ribeiro de Faria, Dr. Eduardo Almeida, Dr. João Afonso de Almeida, Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes, Padre José Ferreira Leite, Comendador Alberto Pimenta Machado, José Figueiras de Sousa, Escultor António de Azevedo.

**Comissão Executiva** — Presidente, Mário de Sousa Menezes; Vice-Presidente, António José Pereira Rodrigues; Secretário, Antonino Dias Pinto de Castro; Tesoureiro, António Laranjeiro dos Reis; Vogais, Dr.º Edwiges Machado, D. Matilde F. Machado, Padre António Ramos, Padre Avelino Pinheiro Borda, Amadeu C. Penafort, Artur Fernandes de Freitas, Eduardo Lemos Mota, Francisco da Costa Jorge, Manuel Pereira Mendes, Manuel Alves de Oliveira, Manuel Gomes de Oliveira, Luís Gonzaga F. de Carvalho, Domingos Cosme Baptista Vieira.

Alguns membros da Comissão Executiva vão em breves dias visitar todos os paróquianos de S. Paio, em busca da sua colaboração.

Entretanto esboça-se o programa das festas, cuja data deve ser em breve fixada.

Albano de Castro Martins e de sua esposa a sr.ª D. Maria Olinda Salgado Alves Martins.

O enlace deve realizar-se brevemente. Antecipadamente desejamos aos noivos, muitas felicidades.

## Falec. e Sufrágios

### D. Maria Fernandes Marques

Com 76 anos, finou-se em S. Miguel de Creixomil, a sr.ª D. Maria Fernandes Marques, mãe da sr.ª D. Ana, do sr. José Fernandes Marques e do nosso prezado amigo e conceituado comerciante local sr. Joaquim Fernandes Marques.

O seu funeral, que esteve muito concorrido efectuou-se ante-ontem para o Cemitério da Atouguia.

A família dorida e especialmente ao sr. Joaquim Fernandes Marques, apresentamos sentidas condolências.

### Missas de Sufrágio

Nos dias 18, às 10 horas, e 23, às 9 horas, no templo da Misericórdia, serão rezadas missas por alma do sr. Dr. Alberto Ribeiro Jorge e da sr.ª D. Maria Garcia Costa, saudosa mãe do nosso bom amigo sr. Dr. Manuel José Ferreira da Costa.

## Vida Católica

### Capela de N. S. da Guia

No dia 13, realiza-se na Capela de Nossa Senhora da Guia, uma festividade, com missa cantada com invocações de Fátima e benção do SS. Sacramento.

A festa começará às 8,30 horas e é feita em comemoração do aniversário da instituição da missa mensal.

## Diversas Notícias

### Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do «Laboratório Hórus», ao L. do Toural.

### Oficinas de S. José

Pelo Fundo do Socorro Social foi concedido o subsídio de 100 contos às Oficinas de S. José desta cidade, para as obras de ampliação do seu edifício.

### VENDE-SE

Estante com 12 gavetões. Rua de S. Torcato n.º 3 — Guimarães.

## Teatro Jordão

HOJE, ÀS 15 E 21 HORAS

APRESENTA

## O Impertinente

S. R. JONES

TERÇA-FEIRA, ÀS 21 HORAS

LANA TURNER-  
JONH GARFIELD

em

## O Destino bate à porta

Um filme da  
METRO GOLDWYN MAYER

QUINTA-FEIRA, ÀS 21 HORAS

Um grande filme em technicolor

ANN BLYTH-  
GEORGE BRENT

em

## SANGUE ARDENTE

## Nova Sociedade

A firma que durante 27 anos girou sob a denominação de Amadeu C. Penafort, Lda., acaba de transformar-se em Sociedade Colectiva, por escritura pública lavrada nas notas do sr. dr. Ernesto Faísca, passando a denominar-se: Amadeu C. Penafort & Filhos, e ficando constituída pelos antigos sócios, sr. Amadeu Constante Penafort e D. Maria da Conceição Cintra Penafort, e mais pelos novos, seus filhos srs. Fernando de Cintra Penafort, Camilo de Cintra Penafort, D. Ermelinda de Cintra Penafort Bourbon do Amaral, D. Sílvia de Cintra Penafort Miller Guerra, D. Maria José de Cintra Penafort de Campos e Matos e D. Olívia de Cintra Penafort Pinto de Queirós, dos quais somente os quatro primeiros têm poderes de Administração nas condições exaradas na respectiva escritura.

Ao agradecer a comunicação que nos foi feita em circular, queremos formular os melhores votos pelas prosperidades da nova Sociedade e bem assim pelas de cada um dos seus sócios.

## Convocação

O Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, tem a honra de convocar os Excelentíssimos Vogais do Conselho Municipal, para a sessão ordinária que, para efeito do disposto no § 3.º do art.º 29.º do Código Administrativo, se realiza no dia 15 do corrente mês, pelas 15 horas, na Sala das Sessões desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Guimarães, 9 de Fevereiro de 1951.

O Presidente 61

da Câmara Municipal,

Augusto Gomes de Castro  
Ferreira da Cunha.

## FOURGONET

«VANGUARD»

em estado de nova

VENDE Reinaldo Martins & Gonçalves, L.da, ou António da Silva Castro — Rua de Paio Galvão. 61

## CASA

53

Precisa-se com 6 divisões. Nesta redacção se informa.

## DACTILÓGRAFOS

A sua Máquina fatiga-o?! Desalinha!!! Não escreve!!! Tudo por falta de assistência técnica. 64

Ao Campo da Feira, 42, encontrará V. Ex.º AGENTE COMERCIAL que se encarregará de resolver o seu caso com absoluta GARANTIA.

Quartos Alugam-se 2 a pessoas de respeito. Esta Redacção informa. 58

## EIS O RESULTADO!...

Há uns dias, um grande número de crianças, empunhando uns panfletos, pediam para os tuberculosos, rodeando o público e os automóveis que paravam.

Junto de um automóvel tivemos ocasião de observar o seguinte diálogo, entre um dos seus ocupantes e um grupo de crianças angariadoras de donativos para os referidos tuberculosos:

— Ouvi lá, ó miúdos: quem vos incumbiu de tal tarefa?

Eles explicaram promenoradamente, e o cavalheiro redarguiu:

— Bonitos princípios de educação! E logo a seguir, por entre desejos de alguma coisa receber, diz uma das crianças:

— O meu senhor; não dá nada àquele, porque ele tirou o bilhete a outro e agora anda connosco a pedir, mas é para gastar o dinheiro no que lhe apetece.

E uma outra acrescenta: — E àquele também não dá, porque já gastou algum dinheiro que juntou, em rebuçados.

Um novo ar de reprovação se notou no semblante não só daquele, como no dos outros ocupantes do veículo, que retomava a marcha, ar de reprovação, confesso, extensivo a mim próprio, ao presenciar isto, que na verdade causa certo aborrecimento.

— Angariar donativos para minorar o sofrimento dos que padecem, ou o infortúnio dos desgraçados, é negavelmente uma das mais sacrossantas obras de misericórdia; mas torna-se imperioso atender e reparar bem nas más consequências que poderão daí advir, quando a isso se proceder por meios com os que em questão.

Limitar, por exemplo, esses pedidos das crianças a seus pais ou pessoas de família, estamos certos de que já não daria fracos resultados e seria aliás simpático.

Porém, segundo a forma usual, há que concordar que se algum resultado profícuo se conquistar, outro tanto redondará em incentivo directo para animar e incutir no espírito da criança habilidades de mendigar, e despertar-lhe até mesmo artimanhas de juntar pecúlio, para matar, as mais das vezes, qualquer mau vício, o que é pior ainda.

E senão vejamos:

Algumas crianças — e isto ouvimo-lo a outras — depois de entregarem as importâncias que juntaram a quem as encarregara de tal, ainda continuaram, mas em proveito próprio, baseadas, é claro, na liberdade que lhes deram de pedir...

Eis o resultado!...

ALEX.

## Não se esqueça

De visitar no Toural a Casa Jaime. E' um novo estabelecimento de Camisaria, Gravata, Chapelaria, Malhas, Gabardines, Luvas, Perfumarias e Brinquedos. 17

Artigos bons, bonitos e baratos.

CASA JAIME ao Toural

NÃO SE ESQUEÇA

## PERMANENTES A FRIO

HELENA MENDES

CABELEIREIRA

R. de Santo António, 26

Participa às suas estimadas amigas e clientes, que no seu Salão executa «Permanentes a Frio», ao preço de 70\$00, responsabilizando-se pelos seus bons resultados. 65

Uma visita o confirmará.

## In Illo Tempore...

Colocado na Fortaleza de S. Miguel — Depósito de Desgraças —, pensei desde logo, a melhor forma, de procurar outra situação.

O meu temperamento revoltava-se ao contacto de tanto criminoso, e, mais, ainda, pelas bárbaras disposições que regiam aquela Fortaleza. Havia prisões — «A Casa da Cal» e «Cova da Onça» — onde os delinquentes ficavam emparedados ou atascados em água e lodo, até ao peito! E, havia desgraçados que conseguiram resistir meses, naqueles antros, num suplício atroz que, não há pena que os descreva...

Os castigos corporais, eram de uma deshumanidade incrível. Havia graduados, de uma tão grande ferocidade que, no meu espírito, surgia a dúvida se, seriam eles os verdadeiros criminosos, ou os infelizes que ali se encontravam expiando os seus crimes...

Fui destacado com uma grande leva de condenados, para trabalho de construção de uma linha do caminho de ferro, no interior. Ai, os castigos, tocavam a raia da insensatez!

Por tudo, por nada, entravam em acção, o chicote e a palmatória. Houve um condenado que foi castigado com mil chibatadas!

Foi do potro para o hospital e conseguiu resistir. Quando regressou, o seu corpo assemelhava-se a um cesto de vime, tantas e tantas eram as cicatrizes.

Este homem (?), muito longe de se emendar, redobrou em malvadez. Apenas, eu, o domava e conseguia dele quanto queria.

Um dia, em virtude de um castigo imerecido, aplicado por um graduado, a um destes infelizes, houve revolta.

Tiros, imprecações, ameaças... Ordens que não são obedecidas; começos de agressões.

Completamente só, desarmado, avancei para eles e intimei-os a que se aquietassem; falei-lhes das Mães, das esposas, das noivas, dos filhinhos que, lá longe, esperavam o seu regresso; fiz-lhes compreender a inanição de tal revolta e como ela seria prontamente sufocada, com enorme perda de vidas e derramamento de sangue; que reservassem as suas vidas para o serviço da Pátria, para se baterem galhardamente por ela, como outros condenados o haviam feito, ainda há bem pouco tempo, em Naulila e Além-Cunéne; que estivessem socegados. Era eu, que os intimava, de quem eles não tinham recebido nunca a mais pequena afronta, o mais leve castigo.

E, aquelas feras, aquietaram-se. Um deles, o das chibatadas, disse:

— Eh! rapazes! E' o nosso Pai que fala. Atendei-o. Eu, sou o primeiro a por-me a seu lado. E juntou a palavra à acção.

O Comandante que, da janela do quarto do Comando, assistia a esta cena, disse-me: — Fuja, Sargento, que esse bandido é o primeiro a matá-lo.

— Não se inquiete Vossa Excelência: se me matar, morro no desempenho do meu dever.

Mas ninguém me matou ou ofendeu. Aquela turba hululante que mais parecia um mar encapelado, rugindo furiosamente ao fragor de horrível tempestade, socegou; um a um, recolheram à sua casa-mata e, pouco tempo depois, o socego era absoluto.

Fui ter com o Comandante e exigi-lhe a palavra de honra, de que ninguém seria castigado.

# 1951 Um passo NA EVOLUÇÃO DO CHAPEU PORTUGUES



## GUERREIRO'S

APRESENTADO EM TODO O PAÍS NAS CASAS ESPECIALIZADAS

Concessionário Exclusivo em Guimarães:

### CASA JAIME

— A sua resposta, foi breve e seca:

— O sr., é que devia ser castigado porque, com esse seu feitiço de querer levar tudo pelo «AMOR DE DEUS» e pela «CARIDADE CRISTÁ» veio insubordinar esta gente, que estava disciplinadíssima. — Tinha acabado de lhe salvar a vida, conseguindo acalmar os ânimos amotinados da «disciplinadíssima horda» e, nesse mesmo instante o esqueceu. Porque, naqueles cérebros calcinados pelo ódio, pelo crime, pela recordação dos maus tratos recebidos, refervia a ideia de vingança, um deleite satânico e doentio de derramamento de sangue.

O Comandante, seria, senão o primeiro, pelo menos, o segundo a pagar com a vida as atrocidades cometidas e autorizadas. E, atrás dele, iriam a esposa — uma morenita de olhar languido e sofrido — e duas interessantes filhinas — loiras e lindas como anjos — vítimas inocentes do bárbaro a quem se encontravam agrilhoadas! Só esses entes, por certo, reconheceram o meu sacrifício e o meu esforço...

Alferes Leite da Cunha.

## EMPREGADO

Activo e trabalhador, 24 anos de idade, com prática e conhecimentos gerais de escrituração e mais serviços relacionados com a indústria têxtil, oferece-se para firma de grande movimento, não importando o local de trabalho. Dá todas as referências.

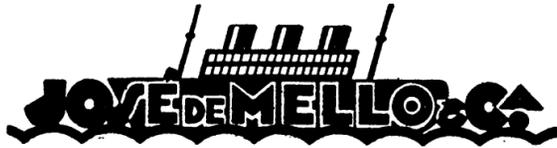
Carta a A. M. F. — Rua de D. João I, 150 — Guimarães.

## HI-CHARGE

A vida da sua Bateria

## Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

## João Maria M. de Sequeira Braga

Rua Francisco Agra, 117 — Telefone, 4392  
GUIMARÃES

Motores eléctricos e Material Fluorescente Inglês da Grompton Parkinson, Ltd.

Máquinas de escrever «UNDERWOOD», Máquinas de Calcular, de Somar, de Contabilidade, Duplicadores e Acessórios; Móveis de Aço para Escritório

## ANÚNCIO

### Mineira do Centro de Portugal, Limitada

Faz-se público que por escritura de 23 de Janeiro do corrente ano, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, pelo notário Lic. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, no seu livro de notas n.º 442 a fls. 45 v.º e seguintes, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, entre António Augusto da Silva Saldanha, casado, empreiteiro, morador na Avenida Marechal Carmona, da vila e comarca de Fafe e Jaime António Fontes, casado, comerciante, morador na Rua de Vila Flor, desta cidade e nos termos dos artigos seguintes:

#### Primeiro

A sociedade adopta a denominação de **Mineira do Centro de Portugal, Limitada**, e fica com a sede na Rua de Vila Flor, desta cidade.

#### Segundo

O seu objecto é a exploração e perspeção de minas e a sua respectiva indústria.

#### Terceiro

A sua duração é por tempo indeterminado e o seu início conta-se para todos os efeitos do dia 1 do corrente mês e ano.

#### Quarto

O capital social é de 800.000\$00, em dinheiro, destinado à exploração mineira, subscrito por ambos os sócios em partes iguais, ficando, por isso a ser a cota de cada um de 400.000\$00 e encontra-se integralmente realizado.

#### § único

Quando o desenvolvimento da sociedade assim o exigir, será o capital aumentado, se assim for deliberado em assembleia geral dos sócios.

#### Quinto

A cessão de cotas, total ou parcial, é livremente consentida.

#### Sexto

Não são exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer-lhe suprimentos ou empréstimos, nos termos e condições que forem acordadas em Assembleia Geral.

#### Sétimo

A gerência, dispensada de caução, fica affectada unicamente ao sócio Fontes, que lhe dispensará toda a sua actividade e representará a sociedade em todas as relações com o Estado, designadamente nas Circunscrições Mineiras e Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

#### § único

O gerente não poderá em nome da sociedade, prestar qualquer favor de aceites de letras, fianças ou abonações em documentos ou actos estranhos aos negócios sociais, sob pena de indemnizar a sociedade pelo dobro das responsabilidades assumidas as quais serão de sua conta e risco.

#### Oitavo

Fica autorizado o gerente Fontes, a poder delegar por procuração ao sócio Saldanha, todos ou parte dos actos de Administração da sociedade e sua representação oficial.

#### Nono

O ano social é o civil e os balanços serão fechados em 31 de Dezembro de cada ano.

## Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 2 de Fevereiro

#### Outras deliberações:

— Em virtude de se ter dado o falecimento do antigo porteiro do Hospital Geral — António da Costa — a Mesa resolveu preencher aquele lugar pelo sr. António de Araújo de Carvalho Júnior.

— Oficiar às Direcções das Cajas Sindicais de Previdência da Indústria Têxtil dos Operários do Distrito de Braga, sobre o internamento dos seus beneficiários no Hospital Geral desta Misericórdia.

— Deferir um requerimento da sr.ª D. Angelina de Oliveira Félix, mediante o parecer favorável do Ex.º Director Clínico.

— Instalar, em três quartos particulares, lavatórios fixos e proceder à canalização da água para os mesmos.

— Registou, com muita satisfação os seguintes donativos:

Do sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, 83 metros de passadeira e 30 metros de tecido para cortinas; do sr. António Pimenta, 15 cobertas; dos srs. António da Costa Guimarães, Filho & C.ª, 6 peças de pano; da Comissão de Festas de Guimarães, 1 peça de pano; da sr.ª D. Ana Correia 1 peça de pano; dos srs. D. Alice Neves de Castro e João A. da Silva Guimarães, 100\$00 para o Asilo de S. Paio e 100\$00 para o Asilo da Misericórdia, em sufrágio da alma da sr.ª D. Cecília de Queiroz Neves de Castro.

— Pelo sr. Tesoureiro, foi apresentado o Balancete do Cofre, que foi aprovado e verificado o cumprimento de todos os legados.

— Consignar na acta um voto de pesar pelo falecimento da Irmã desta Santa Casa — D. Cecília Neves de Castro, viúva de Jerónimo de Castro, que foi mesário e sogra do actual mesário — sr. João A. da Silva Guimarães.

#### Décimo

Os lucros líquidos, apurados no balanço anual, depois de deduzida a percentagem de 5% para o fundo de reserva legal, enquanto este não estiver realizado ou sempre que seja preciso reintegrá-lo, serão divididos pelos sócios na proporção das suas cotas, e sem prejuízo de qualquer outra deliberação, distribuídos no fim de cada ano, em seguida à aprovação dos balanços; os prejuízos, havendo-os serão suportados pelos sócios na mesma proporção.

#### Décimo primeiro

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com 8 dias de antecedência.

#### Décimo segundo

A morte ou interdição de qualquer dos sócios não importará a dissolução da sociedade, a qual subsistirá com os herdeiros do falecido ou representante do interdito; não querendo eles fazer parte da sociedade terão o direito de haver do sócio sobrevivente ou não interdito, e este será obrigado a pagar-lhes, o que se apurar pertencer-lhes de capital, suprimentos, fundo de reserva e lucros em face do balanço a que então (se apurar digo) se procederá para tal efeito.

#### § único

Os pagamentos, na hipótese deste artigo, serão efectuados no prazo de dois anos, em prestações iguais e mensais.

#### Décimo terceiro

O Gerente não poderá individualmente fazer quaisquer operações comerciais que sejam da mesma espécie do comércio exercido pela sociedade agora constituída.

#### Décimo quarto

Em tudo o mais regularão as disposições legais em vigor e em especial a lei de 11 de Abril de 1901.

Guimarães, 5 de Fevereiro de 1951.

O Ajudante da Secretaria Notarial,  
Martinho da Silva.